

O USO DO TOM DE LIMITE COMO MARCA DE SEGMENTAÇÃO DA NARRATIVA ESPONTÂNEA

Miguel José Alves de Oliveira Júnior
Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC)
Lisboa, Portugal

RESUMO: *O presente estudo tem como objetivo verificar se os movimentos de tom que ocorrem ao fim de unidades tonais em narrativas espontâneas estão significativamente correlacionados com a sua estrutura. Para esse fim, um conjunto de dezessete narrativas foram analisadas. A hipótese central é de que os tons finais têm ligação direta com a posição em que ocorrem, funcionando como indicativos de finalidade ou continuidade discursiva. Os resultados corroboram a hipótese: o uso dos tons baixos é restrito aos finais de seções tópicas, enquanto que as unidades tonais que ocorrem dentro dessas seções são frequentemente acompanhadas de outros tons, indicando continuidade.*

Palavras-chave: *Prosódia, Tom de Limite, Português, Narrativa Espontânea*

ABSTRACT: *The goal of the present study is to find out whether boundary tones occurring at the end of intonation units in spontaneous narratives have a significant correlation with the way this type of discourse is structured. A total of 17 narratives were used for the analysis. The main hypothesis is that boundary tones indicate whether a given portion of a narrative has become to an end or not. The results corroborate the hypothesis: low boundary tones are often used to indicate the end of a narrative section, while the other tones indicate topic continuity.*

Key words: *Prosody, Boundary Tones, Portuguese, Spontaneous Narrative*

1. Introdução

Os movimentos de tom que ocorrem ao fim de unidades tonais no discurso têm sido freqüentemente associados à estruturação de informações. De uma maneira geral, considera-se que tais contornos melódicos são usados para distinguir continuidade e finalidade, sendo os tons altos e médios indicativos do primeiro e os tom baixo indicativo do último (Brown, Currie & Kenworthy 1980; Blaauw 1995; Swerts & Geluykens 1994; Swerts, Geluykens & Terken 1992; Van Donzel 1999; Wichman, House & Rietveld 1997).

O presente estudo tem como objetivo verificar se os movimentos de tom que ocorrem ao fim de unidades tonais em narrativas espontâneas estão significativamente correlacionados com a sua estrutura.

A hipótese central do trabalho é baseada em dados de estudos já realizados anteriormente para outros gêneros discursivos, quer seja: os tons finais têm ligação direta com a posição em que ocorrem no discurso, funcionando como indicativos de finalidade ou continuidade discursiva. Desse modo, para o presente estudo, os tons baixos são supostos ocorrerem mais freqüentemente ao final das seções tópicas das narrativas, enquanto que os tons médios e altos são supostos ocorrerem com mais freqüência em outras posições.

2. Métodos

Um conjunto de dezessete narrativas, extraídas a partir de entrevistas espontâneas (Wolfson 1976), foi usado como material de análise. Todas as narrativas, contadas em português, apareceram voluntariamente no discurso dos oito participantes utilizados no estudo, na maioria dos casos como argumento para um dado tópico em curso. As 17 narrativas perfazem um total de 18.5 de duração, contendo 3437 palavras e 627 unidades de tom.

Ao invés de usar a comum classificação feita de tons como “alto”, “médio” e “baixo”, o presente estudo prefere optar pela discriminação binária entre tons “baixo” e “não-baixo”, incluindo estes últimos os tons “alto” e “médio”. Essa opção tem razões de ordem metodológica. Estudos anteriores (Brown, Currie & Kenworthy 1980, Geluykens & Swerts 1994, Swerts 1997, Van Donzel 1999) demonstraram que a tradicional distinção entre tons “alto”, “médio” e “baixo” apresenta as mais das vezes problemas de pontualidade. Em geral, é bastante difícil estabelecer, sob uma perspectiva empírica e perceptual, a diferença entre tons usando essa classificação ternária. Como em termos práticos, os tons de limite parecem estar relacionado a apenas duas funções (finalidade e não-finalidade), e levando-se em conta que os tons “médio” e “alto” parecem cumprir funções discursivas semelhantes, optou-se pela classificação binária.

Os tons de limite presentes nas narrativas foram classificados utilizando um critério puramente perceptual. Usando um método similar ao empregado por Van Donzel (1999) para a sua pesquisa acerca das estratégias prosódicas utilizadas na organização da informação discursiva em holandês, as dezessete narrativas que compõem a base de dados do presente estudo foram entregues a cinco especialistas em prosódia do português para serem subdivididas em unidades tonais. A partir dessa divisão, os cinco especialistas puderam então classificar os tons de limite ao final de cada unidade tonal entre “baixo” e “não-baixo”. Análises estatísticas indicaram que a classificação feita pelos especialistas foi, em geral, bastante consistente.

Seguidamente, as narrativas foram entregues a dois especialistas em análise do discurso que já antes haviam trabalhado com o modelo laboviano de análise da narrativa (o modelo que foi empregado no presente estudo). A razão pela qual um menor número de especialistas foi dessa vez utilizado explica-se pelo fato de antes ter sido testada a autenticidade do modelo laboviano em termos estatísticos.¹ Os especialistas não apenas segmentaram as dezessete narrativas em seções, mas também classificaram cada uma das seções seguindo o modelo proposto por Labov (1972).² É importante salientar que o uso de especialistas não envolvidos com o estudo em questão explica-se como uma opção metodológica a fim de evitar o conhecido “risco de circularidade” (conferir Brown, Currie & Kenworthy 1980; Swerts 1997; Swerts & Geluykens 1994 para uma discussão sobre o assunto).

Com o propósito de verificar se existe uma correlação significativa entre o tipo de tom de limite e a função que ele desempenha dentro da narrativa (i.e., de finalidade ou de não-finalidade), as unidades tonais foram classificadas em dois tipos: as que concluem um constituinte discursivo maior (nesse caso uma seção narrativa), e as que estão localizadas dentro desses constituintes.

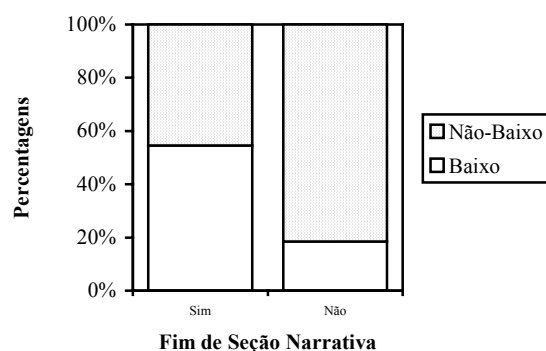
3. Resultados

75% das unidades de tom existentes no corpus do presente estudo estão acompanhadas por tons “não-baixos”. Observa-se, desse modo, uma predominância bastante significativa desse tipo de tom que, na maioria dos casos, indica continuidade

discursiva. No intuito de se verificar a possibilidade de existirem exemplos destoantes no corpus – o que invalidaria de certo modo a generalização dos resultados, procedeu-se uma análise estatística do material tanto em termos das narrativas individuais, quanto em termos de cada um dos locutores. A distribuição de tons “não-baixos” nas narrativas cobriu um número de frequência entre 61% e 88%, e em termos dos locutores, esse número restringiu-se a uma frequência entre 68% e 84%. Num cômputo geral, essas variações não apresentaram diferenças estatisticamente significativas, o que valida a unidade do corpus.

A figura abaixo apresenta a diferença, em termos de porcentagem, na distribuição de tons baixos e não-baixos nos dois tipos possíveis de unidades tonais: os que finalizam uma seção narrativa (condição “sim”) e os que não o fazem (condição “não”).

Figura 1
 Percentagem de distribuição de tons de limite baixo e não-baixo entre unidades tonais que finalizam (“sim”) e não finalizam (“não”) seções narrativas



É possível verificar, a partir dos resultados apresentados acima, que as unidades tonais finalizadoras de seções narrativas são, em sua maior parte, acompanhadas por tom de limite baixo (55% de todos os casos); as unidades tonais que se encontram dentro de seções narrativas são, todavia, maioritariamente acompanhadas de tons limite não-baixos (82% de todos os casos). Esta diferença é estatisticamente significativa ($\chi^2=59.506$, $df=627$, $p<0.0001$).

4. Discussão

Os valores resultantes da análise de todas as narrativas, e expressos em porcentagem na Figura 1 acima, não revelam a maneira como os tons de limite estão de fato distribuídos nas narrativas em particular. Os números apenas mostram que há uma diferença estatisticamente significativa no emprego de tons de limite em relação ao tipo de unidade tonal em que ocorrem. Todavia, é possível observar que a posição da unidade tonal dentro da narrativa (i.e., ao final ou dentro de uma seção narrativa) não implica necessariamente o uso de um tipo específico de tom de limite. No intuito de ilustrar esse ponto, uma das narrativas do corpus é analisada abaixo, tomando-se em conta os tons de limite ao final de cada uma das unidades tonais da narrativa. A Figura 2 abaixo oferece uma representação linear das unidades tonais contidas na narrativa em questão, que está segmentada em seções narrativas, de acordo com o modelo de Labov (1972).

Figura 2

Tons de limite (B – baixo; NB – não-baixos) ao fim das unidades tonais da narrativa 12

Resumo	NB	NB	NB									
Orientação	NB	NB	NB	NB	NB	B	NB	NB	NB	NB	NB	NB
Complicação	B											
Avaliação	NB	B										
Resolução	NB	B										
Avaliação	NB	NB	NB	B								
Coda	NB	NB										

A narrativa 12 contém um total de 26 unidades tonais, sendo a maior parte delas (81%) acompanhadas de tons de limite não-baixos. Os tons baixos que ocorrem nessa narrativa aparecem quase que exclusivamente ao fim de seções narrativas. Embora tal fenômeno seja, em princípio, bastante indicativo para a hipótese que se quer defender no presente trabalho, há de se observar que o fato de os tons baixos ocorrerem com quase total exclusividade ao fim de seções narrativas não implica que as mesmas sejam finalizadas tão-somente (ou mesmo majoritariamente) por esse tipo de tom. Observe-se que das sete seções existentes na narrativa analisada acima, apenas quatro delas (a complicação, a resolução, e as seções avaliativas) concluem com um tom de limite baixo, o que corresponde a 57% dos casos. Por outro lado, 94% das unidades tonais que estão localizadas no interior das seções narrativas vêm acompanhadas de tons de limite não-baixos. De uma maneira geral, a distribuição de tons de limite nessa narrativa exemplifica o que ocorre com as demais narrativas no corpus.

A conclusão a que se pode chegar, levando-se em conta os números da Figura 1, e a análise apresentada de uma das narrativas do corpus (Figura 2) é a de que o uso do tom de limite baixo, embora pareça estar quase que exclusivamente relacionado, em termos funcionais, ao fim de unidades discursivas maiores, não é requisito na estruturação da narrativa espontânea oral. Na verdade, as chances de um tom de limite não-baixo ser utilizado ao final de seções narrativas são tão grandes quanto as chances do tom baixo.³ O que os números de fato sugerem é que a existência de um tom de limite baixo ao final de uma unidade tonal aumenta as chances de aquela unidade tonal coincidir com o final de uma seção narrativa.

Desse modo, o tom de limite baixo em narrativas funciona sobretudo como um elemento prosódico adicional que serve para reforçar a existência de uma seção narrativa. Entretanto, os resultados de fato corroboram a hipótese no que concerne o uso dos tons de limite não-baixos. Por um lado, estes tons estão associados de forma bastante significativa à noção de continuidade, pois ocorrem regularmente ao final de unidades tonais que não finalizam seções narrativas; por outro lado, têm predominância no corpus.

A predominância de tons de limite não-baixos ao final de unidades tonais em narrativas já havia sido observada em outros estudos. Brazil (1997: 93), por exemplo,

interpreta essa predominância como uma estratégia usada pelo falante para controlar o evento comunicativo. Van Donzel (1999: 85) argúi da mesma maneira. De acordo com ela, os locutores empregam os tons não-baixos “para terem a certeza de que os ouvintes acompanhem a história, ou então como uma forma de feedback (‘está entendendo?’)”. Esse uso mais pragmático do tom de limite parece às vezes suplantar uso semântico-estrutural nas narrativas do presente estudo, embora exista uma correspondência bastante grande entre a estrutura da narrativa e o uso de tons de limite baixos e não-baixos.

5. Conclusão

Os movimentos de tom de limite são regularmente empregados em narrativas espontâneas como marcas de estruturação. Aparentemente, os falantes tendem a usar o tom de limite baixo quase que exclusivamente para marcar o fim de unidades semânticas maiores em narrativas espontâneas (ou “seções narrativas”, na terminologia laboviana). Colocando de outra maneira, as unidades tonais que encontram-se no meio de uma seção narrativa estão quase que em sua totalidade acompanhadas de tons de limite não-baixos, o que indica continuidade. Isso não quer dizer, todavia, que os tons de limite não-baixos não aparecem ao fim de seções narrativas. De fato, isso acontece em cerca de 50% dos casos. A alta frequência de tons de limite não-baixos explica-se por razões de ordem pragmática, tais como o controle do evento conversacional (Brazil 1997, Van Donzel 1999). O que parece relevante aqui é mesmo o fato de que embora os falantes não sinalizem sistematicamente o fim de seções narrativas com tons de limite baixos (porque devem provavelmente fazer uso de outros elementos prosódicos para tal), eles aparentemente estão cientes do significado implícito existente no uso de tal tipo de tom de limite – o que torna esse elemento uma marca de sinalização da estrutura narrativa bastante eficaz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brazil, D. (1997). *The communicative value of intonation in english*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Brown, G., Currie, K. & Kenworthy, J. (1980). *Questions of intonation*. London, Croom Helm.
- Blaauw, E. (1995). *On the perceptual classification of spontaneous and read speech*. Research Institute for Language and Speech, Utrecht University.
- Geluykens, R. & Swerts, M. (1994). Prosodic cues to discourse boundaries in experimental dialogues. *Speech Communication* 15: 69-77.
- Labov, W. (1972). The transformation of experience in narrative syntax. *Language in the inner city*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press: 354-98.
- Oliveira, M. (2000). *Prosodic features in spontaneous narratives*. Ph.D. Thesis, Simon Fraser University, Vancouver, Canada.
- Swerts, M. (1997). Prosodic features at discourse boundaries of different strength. *Journal of the Acoustical Society of America* 101(1): 514-521.
- Swerts, M. & Geluykens, R. (1994). Prosody as a marker of information flow in spoken discourse. *Language and Speech* 37: 21-43.

- Swerts, M., Geluykens, R. & Terken, J. (1992). Prosodic correlates of discourse units in spontaneous speech. *Proceeding of the International Conference on Spoken Language Processing*, Banff.
- Van Donzel, M. (1999). *Prosodic aspects of information structure in discourse*. Faculteit der Geesteswetenschappen. Amsterdam, University van Amsterdam: 195.
- Wichman, A., House, J. & Rietveld, T. (1997). Peak displacement and topic structure. *Proceeding of the ESCA Tutorial and Research Workshop on Intonation*, Athens.
- Wolfson, N. (1976). Speech events and natural speech. *Language in Society* 5: 189-209.

¹ Para uma descrição mais detalhada dos testes de autenticidade do modelo laboviano, conferir Oliveira (2000).

² De acordo com Labov (1972), uma narrativa completa é, em geral, composta dos seguintes elementos: resumo, orientação, ação de complicação, avaliação, resolução e coda. Em geral, esses elementos, que possuem características semântica, pragmáticas (e muitas vezes sintáticas) próprias, aparecem na ordem listada, exceto a avaliação, que ocorre livremente e de forma variada ao longo do texto narrativo.

³ Todas as unidades tonais que finalizam seções narrativas em pelo menos duas das narrativas do corpus (01 e 02) são acompanhadas de tons de limite baixos. Mas isso não é a regra, e na narativa 11, por exemplo, isso só ocorre em 16% dos casos.